

7

**REFLEXÕES E  
APRENDIZADOS  
SOBRE A COVID-19  
18 MESES DEPOIS**

Elaborado por ponteAponte | Setembro 2021

## >>> Sumário-executivo

Passados 18 meses do início da pandemia, revisitamos o mapeamento criado pela ponteAponte em 2020 com objetivo de gerar reflexões e aprendizados sobre este desafiador e inédito contexto em que ainda nos situamos. Fomos guiados pela pergunta: *“O que aconteceu com as centenas de iniciativas lançadas em prol do combate aos efeitos sociais e econômicos, para além das questões de saúde em si, provocadas pelo Covid-19?”*. Por meio da atualização de 288 iniciativas mapeadas e da consulta a atores-chave do campo de investimento social, chegamos a sete principais reflexões e aprendizados:

**Reflexão 1** – Mesmo em situações emergenciais, podemos aprender a equilibrar melhor curto, médio e longo prazos, desenvolvendo senso de timing e capacidade de planejamento e antecipação de problemas.

**Reflexão 2** – Apesar dos desafios, a sociedade civil – em seu mais amplo espectro – volta a emergir e se fortalecer como um pilar fundamental em situações de crise como esta.

**Reflexão 3** – As iniciativas multissetoriais ou construídas em rede tendem a ter mais “fôlego” e conseguiram se manter ativas por mais tempo do que as centenas de microações que surgiram no início da pandemia, além de promoverem resultados mais sistêmicos.

**Reflexão 4** – Precisamos entender melhor quais são os papéis do investimento social e da sociedade civil na saúde pública brasileira para incidirmos com cada vez mais qualidade.

**Reflexões 5 e 6** – Mesmo sendo difícil prever que a pandemia duraria tanto, precisamos investir em uma comunicação mais clara (5), tendo como resultado direto maior transparência (6) das iniciativas e, conseqüentemente, confiabilidade e engajamento para além do pontual.

**Reflexão 7** – O próximo passo é fazer das reflexões aprendizados e ações concretas.

Esperamos com este breve relatório gerar inteligência para o campo e contribuir para que possamos, cada vez mais, criar ações de impacto social em conjunto, que tenham uma **visão sistêmica**, ainda que emergenciais, e conseqüentemente que amplifiquemos os resultados desejados, com maior efetividade aos esforços empreendidos.

## >>> Introdução

Em 26 de abril de 2020, após 60 dias do início da pandemia de Covid-19 no país, a ponteAponte lançou dois materiais da nossa frente de produção de conhecimento: a planilha colaborativa [Consolidação de mapeamentos, campanhas e outras iniciativas contra a Covid-19](#) e o relatório [Os primeiros 60 dias de Covid-19 no Brasil em 60 fatos, reflexões e tendências em filantropia, investimento social e no campo de impacto social](#).

Agora, 18 meses depois, buscamos lançar um olhar para o que transcorreu desde então, com o **objetivo de gerar reflexões e aprendizados** sobre este desafiador e inédito contexto em que ainda nos situamos. Fomos guiados pela pergunta: *“O que aconteceu com as centenas de iniciativas lançadas em prol do combate aos efeitos sociais e econômicos, para além das questões de saúde em si, provocadas pelo Covid-19?”*.

Para isso, voltamos ao mapeamento de 2020 e refizemos a mineração de dados buscando saber o status atual, iniciativa por iniciativa, por meio de **análise de dados secundários** na internet<sup>1</sup>. Para qualificar nossas reflexões, consultamos também alguns **atores-chave do ecossistema de investimento social**, entre investidores, intermediários e OSC, a fim de obtermos uma visão mais abrangente e diversa da situação atual.

---

<sup>1</sup> A atualização da planilha foi realizada entre abril e junho de 2021, com base nas informações públicas disponíveis e sem incluir novas iniciativas lançadas após o mapeamento inicial, embora muitas delas sejam relevantes e ainda estejam em vigor.

## >>> Como tudo começou – um breve repasso do relatório

Cerca de três semanas após o primeiro caso do novo coronavírus no Brasil e ao longo de toda a segunda quinzena de março, aconteceu em São Paulo e no Rio de Janeiro, notadamente, um crescimento extremamente veloz de iniciativas de filantropos, investidores sociais e associações comunitárias para arrecadar dinheiro e artigos/produtos (alimentos, kits de higiene etc.) para populações mais vulneráveis. Em apenas uma semana, de 25 a 31/3, a ponteAponte levantou 164 iniciativas em geral, entre as quais cerca de 30 mapeamentos com outras dezenas de ações, em nosso **Mapeamento de iniciativas anti-Covid-19**.

Após dois meses da chegada da doença ao país, quando lançamos o relatório, notamos uma **diminuição do ritmo de novas iniciativas** de investimento social sendo criadas - sobretudo as com diversos realizadores e de grande porte -, ocorrendo uma maior concentração e coordenação de esforços (por exemplo, centralizando novas campanhas ou até mesmo unindo as que estavam independentes em uma mesma plataforma).

Parte do setor de **filantropia e investimento social** moveu-se rapidamente, liderada principalmente por atores já protagonistas do campo e organizações como institutos e fundações com experiência em contextos periféricos e/ou com maior flexibilidade institucional e liderança engajada, por exemplo. Surgiram assim campanhas cada vez mais articuladas, como o pioneiro [União SP](#) (que se multiplicou com o [Movimento União Rio](#), inspirando versões em outros estados brasileiros), além de [Família Apoia Família](#) e [Enfrente](#), envolvendo diversos atores como Instituto Península, Instituto Phi, Instituto ACP e Fundação Tide Setubal e uma rede de parceiros, muitos dos quais periféricos, com destaque para a CUFA (Central Única das Favelas). Entre as **empresas**, em termos de investimento social, o movimento ganhou força na última semana de março e sobretudo a partir de abril, quando dezenas passaram a oferecer apoio financeiro - além de infraestrutura e apoio logístico.

Diversos **intermediários desenvolvedores do campo** tomaram a dianteira nas articulações e apresentaram papel de destaque nos primeiros 60 dias: por exemplo, a [ABCR](#) encampou o Monitor de Doações; membros do Movimento pela Cultura de

Doação estruturaram algumas das campanhas mais bem sucedidas e lançaram uma edição extra do Dia de Doar; a [Rede Brasil do Pacto Global](#) articulou o marketplace [Radar Covid](#), do qual fomos curadores na frente Conexão Radar.

As **campanhas de arrecadação** espelharam em grande parte a sequência temporal apresentada antes. A partir da segunda quinzena de março - quando foi confirmada a primeira morte no país devido à Covid-19 -, surgiu a primeira onda com centenas de **campanhas pulverizadas** de *early adopters*, sejam de investimento social, sejam comunitárias, de OSCs, coletivos e lideranças periféricas. Quase simultaneamente, entraram em campo os **crowdfundings** e, pouco depois, os **matchfundings**, bem como iniciativas de grandes empresas.

Já naquele relatório, de forma preliminar apontávamos com preocupação alguns dos elementos que sistematizamos a seguir, como necessidade de **planejamento** de curto a longo prazos e de **transparência** nos processos – metade das campanhas não informava o valor almejado ou o montante disponível, o que poderia diminuir a credibilidade e gerar desconfiança.

## >>> 18 meses depois – O que aconteceu com as iniciativas mapeadas e como está o ecossistema

Como a planilha havia ficado aberta para edição colaborativa após o lançamento pela ponteAposte, fizemos um primeiro filtro e excluimos agora 10 iniciativas duplicadas, diminuindo de 298 para **288 ações mapeadas** no total.

Desse total de 288, identificamos que **103 permaneciam ativas** entre abril e junho de 2021, data da atualização da planilha. Em alguns casos, trata-se de campanhas de arrecadação que tiveram mais de uma fase ou que são de financiamento recorrente; em outros casos são mapeamentos que permanecem no ar para consulta, embora nem sempre seja possível saber se estão atualizados; ou novas edições de editais previamente mapeados. **As iniciativas encerradas somaram 145**, em geral campanhas de arrecadação ou editais cujos prazos já haviam sido encerrados e não houve novas fases ou uma nova edição.

Quantidade	%	Status das iniciativas mapeadas em 2020
103	36%	<i>ainda ativas entre abril e junho de 2021</i>
145	50%	<i>encerradas</i>
40	14%	<i>sem informações encontradas</i>
<b>288</b>	<b>100%</b>	<b>TOTAL</b>

Houve ainda **40 iniciativas que classificamos como informações não disponíveis**, pois não conseguimos, somente pelos dados públicos, ter certeza se a ação ainda estava ativa ou não. Estas incluem, por exemplo, plataformas de editais, que estão no ar porém sem nenhum edital aberto há meses; campanhas de arrecadação que aparentemente ainda aceitam doações, mas que receberam a última doação meses atrás ou somente de um ou dois doadores; iniciativas governamentais de linhas de

crédito ou mesmo iniciativas de empresas de criação de fundos, em que só encontramos a notícia inicial do lançamento, sem nenhuma atualização posterior; alguns mapeamentos, os quais, embora ainda disponíveis online, provavelmente não estão mais sendo atualizados; entre outras ações que não apresentaram com clareza dados sobre seu encerramento ou continuidade<sup>2</sup>.

Da análise dessas iniciativas, bem como a partir de consultas com cinco atores do campo de investimento social<sup>3</sup>, sistematizamos sete **principais reflexões e aprendizados** consolidados a seguir.

---

2 As informações que encontramos sobre as iniciativas estão na coluna T - Observações Gerais, da aba [Atualização 2021 de Mapeamento Geral](#). Ressaltamos que a atualização se refere ao período entre abril e junho de 2021.

3 Fábio Deboni, diretor de programas do CIAT; Iseli Reis, empreendedora social da Fleximedical; Leonardo Letelier, CEO da SITAWI; Lilian Prado, empreendedora social da Acreditar; e Mariana Almeida, CEO da Fundação Tide Setubal.

# 1

## Mesmo em situações emergenciais, podemos aprender a equilibrar melhor curto, médio e longo prazos, desenvolvendo senso de timing e capacidade de planejamento e antecipação de problemas.

A primeira consideração que pontuamos espelha a imagem do **sprint dos 100 metros rasos versus a da maratona**. Como vimos, houve uma mobilização intensa no início da pandemia, com o lançamento de centenas de iniciativas, mas que foi perdendo força ao longo dos meses, conforme a pandemia se prolongava mais do que o esperado. Pouco mais de um terço das iniciativas criadas em 2020 permaneceu ativo em 2021, mesmo com a pandemia se agravando. E, para além do mapeamento, pelo que acompanhamos do setor, houve um **novo pico no início deste ano**, com a situação no Amazonas e os recordes sucessivos de mortes e disseminação do vírus, porém nem de perto essa alta foi efusiva como a de março a maio de 2020.

Para Mariana Almeida, CEO da Fundação Tide Setubal, a gravidade da pandemia foi subestimada em termos de horizonte temporal. *“O principal erro talvez tenha sido, justamente, de toda uma mobilização da sociedade civil e depois uma desmobilização, na ideia de erro de previsão de até onde isso ia chegar. A gente tratou o momento como emergencial em um curto prazo. Durante o ano passado houve uma superconcentração de apoios logo no início e depois as pessoas não se programaram, não se planejaram para seguir neste apoio.”*

Um dos desafios, em relação ao investimento social privado, aponta Mariana, é que boa parte das instituições está neste momento trabalhando à margem da pandemia. *“Veio uma coisa de ‘não me preparei para longo prazo, gastei muito no ano passado, neste ano eu tenho que focar mais em meus gastos. A pandemia seguiu, isso é um problema, eu tenho que olhar, então eu vou dar um pedacinho aqui a mais.’ Mas não tem um esforço de reformatação e de reorientação dos apoios.”*

A empreendedora social Iseli Reis, da Fleximedical, também avalia que nos equivocamos na esperança de que a pandemia seria mais curta. *“Pensamos que teríamos uma performance no Brasil igual à da Itália, Espanha ou até mesmo da China. Achamos que seria um tempo curto que logo passaria, e **acabamos sobrecar-***

**regando a equipe.** *Juntamos todas as forças para dar uma corrida ‘em tiro’ e a corrida era longa.”*

Fábio Deboni, diretor de programas do CIAT, também acredita que as ações perderam certo vigor, seja pelo cansaço de todos, seja por certo **desânimo ou desesperança**. *“Percebo a sociedade civil e empresas numa certa **encruzilhada** - seguir o apoio emergencial (que segue sendo necessário e urgente) e ao mesmo tempo avançar em frentes mais estruturantes (ex: advocacy pró-fortalecimento do SUS, core funding para OSC etc.).”*

A mobilização por parte dos governos também ficou aquém do necessário, segundo Leonardo Letelier, CEO da SITAWI, e **faltou um planejamento** maior para conseguirmos nos antecipar aos problemas enquanto sociedade: *“Onde a gente errou? Acho que teve algumas coisas que estavam claras para todo mundo, mas a gente como sociedade não conseguiu antecipar a ação. Por exemplo: Manaus entrou em colapso e não precisava pensar 30 segundos para perceber que o resto do Norte entraria em colapso em seguida. O governo tem um papel muito, muito importante nisso e ele simplesmente abdicou. Mas dava para fazer sem governo, dava para fazer apesar do governo. Teria sido bem mais fácil ter uma política nacional de enfrentamento à Covid, mas, na falta de uma, não é que faltavam elementos para a gente como sociedade ter a nossa.”*

*“Neste momento é necessário que empresas e sociedade civil vejam realmente maneiras de trabalhar **soluções a longo prazo**”, diz Lilian Prado. “Não dá para uma empresa dizer: ‘eu doei cem mil para cestas básicas, pronto, já fiz minha parte’. Teve uma hora que o pessoal sumiu de cena e o problema não se resolveu, a doença ainda continuava”. Não funciona assim. Porque se a economia não estiver existindo, e não é a economia de grandes empresas, mas essa economia informal, a economia de ‘dona Maria’ que vende tapioca e que ficou sem vender, para mim isso é ‘enxugar gelo’”, completa.*

Para desenvolvermos melhor essa capacidade de planejamento e antecipação de problemas é importante refletirmos sobre todo o processo das iniciativas lançadas e como podemos aprimorá-las. Coincidentemente, o [GIFE](#) (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas) acabou de lançar, no último dia 2 de setembro, a [Plataforma das Rubricas Avaliativas para Ações Emergenciais](#), uma ferramenta destinada às organizações do investimento social e da filantropia, que desenvolveram iniciativas de enfrentamento aos efeitos da Covid-19. As Rubricas funcionam como um processo de autoanálise, ajudando as organizações a refletir, concluir e inspirar aprimoramentos nas ações em curso ou mesmo qualificar as futuras.

# 2

## A despeito dos desafios, a sociedade civil – em seu mais amplo espectro – volta a emergir e se fortalecer como um pilar fundamental em situações de crise como esta.

Quando analisamos as iniciativas de combate à Covid-19 que se sustentam até hoje, encontramos uma **miríade de agentes de transformação social** liderando-as: movimentos sociais, coletivos periféricos, OSC, associações de bairro, lideranças periféricas, institutos, famílias de alta renda, organizações multilaterais.

Para Lilian Prado, da Acreditar, a pandemia trouxe uma questão importante de dar luz às ações da sociedade civil: *“A Covid revelou isso, **como a sociedade civil é importante**, o quanto ela pode se mobilizar, o quanto ela pode angariar de recursos e o quanto as empresas também, foi uma coisa fantástica”.*

*“Houve erros, **mas acertamos em juntar forças**, nesse momento não existiam concorrentes, estávamos todos juntos tentando ajudar no que era possível”*, corrobora Iseli Reis, da Fleximedical.

Olhando prospectivamente, na visão de Fábio Deboni, do CIAT, temos **duas prioridades** a trabalharmos: avançar de forma efetiva na questão do *core funding* (apoio institucional de OSC) e avançar na agenda de fortalecimento econômico de grupos locais.

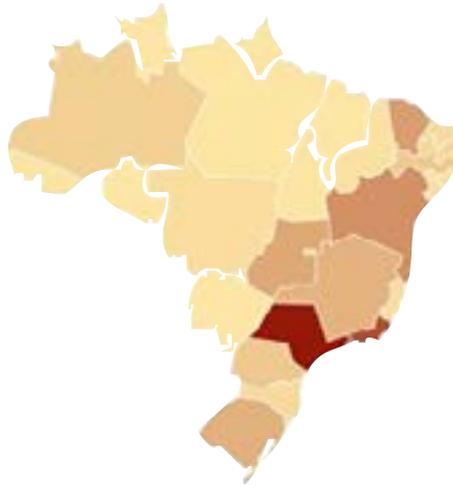
# 3

**As iniciativas multissetoriais ou construídas em rede tendem a ter mais “fôlego” e conseguiram se manter ativas por mais tempo do que as centenas de microações que surgiram no início da pandemia, além de promoverem resultados mais sistêmicos.**

Se voltarmos à imagem do *sprint* x maratona, chegamos à conclusão de que é no **revezamento** de múltiplos atores que mora a sustentabilidade das iniciativas, seja pela energia necessária para uma corrida longa, seja para a capacidade de mobilizar um volume muito maior de recursos.

Uma das ações de destaque foi o [Matchfunding Enfrente](#) - maior plataforma colaborativa de financiamento de iniciativas voltadas para o enfrentamento dos efeitos do Coronavírus nas periferias brasileiras, promovido pela Fundação Tide Setubal e parceiros. Em 2020, com dois editais lançados, o programa **movimentou mais de R\$ 8,6 milhões** com apoio de mais de 14 mil colaboradores e do Fundo Colaborativo Enfrente para beneficiar 281 iniciativas. No início deste ano, uma nova edição em parceria com o Fórum de Investimentos e Negócios de Impacto **mobilizou R\$ 479 mil para 10 organizações dinamizadoras** que atuam na capacitação e fortalecimento de empreendedoras e empreendedores de impacto. Agora, ainda enfrentando os efeitos da pandemia nas periferias brasileiras, um **novo edital** convoca iniciativas que contribuam para a recuperação de micro e pequenos negócios das periferias, impactando na geração de trabalho e renda e na retomada da sustentabilidade econômica dos territórios.

A ação [Mães da Favela](#), da Central Única das Favelas (CUFA), também é um exemplo de trabalho colaborativo e multissetorial que ganhou ainda mais força este ano. Com parcerias de empresas, institutos e fundações, somente em 2021 já foram mobilizados quase **R\$ 300 milhões**, frente aos R\$ 187 milhões de 2020. Segundo infográfico no site da iniciativa (reproduzido abaixo), eles conseguiram fazer doações de cestas básicas e “vales-mães” em todos os estados do Brasil e no DF.



Reprodução de infográfico que mostra que a CUFA atuou em todos os Estados do país. Fonte: <https://www.maesdafavela.com.br/>

Para Mariana Almeida, da Tide Setubal, é necessário um **esforço conjunto entre poder público, ISP e sociedade civil**. *“A transformação do auxílio emergencial em uma renda básica permanente, para mim, é uma das grandes agendas. É uma agenda que tem que ser implementada pelo poder público, mas que a sociedade civil pode ajudar a empurrar.”*

Outra iniciativa que destacamos é o [Fundo Emergencial de Proteção a Pessoas Ameaçadas pela Covid-19 da UniãoSP](#), que também **mobilizou uma grande rede de parceiros**, entre empresas, institutos e fundações e atua de forma coordenada com o Governo do Estado de São Paulo, Prefeituras e organizações da sociedade civil. Já foram arrecadados mais de R\$ 42 milhões, e mais de 750 mil cestas básicas doadas.

Há várias outras iniciativas que se destacam pela colaboração e rede de parceiros, citamos estas apenas para ilustrar.

# 4

## Precisamos entender melhor quais são os papéis do investimento social e da sociedade civil na saúde pública brasileira para incidirmos com cada vez mais qualidade.

No estudo [“A Covid-19 e o registro de doações corporativas para OSC no Brasil: um raio-X durante a pandemia em 2020”](#), coordenado pela ponteAponte e publicado em março deste ano, verifica-se que os doadores institucionais com foco em saúde não envolveram OSC em 71% dos casos na pandemia, ficando a reflexão sobre se há um espaço maior de **contribuição a ser ocupado por OSC em arranjos do setor de saúde**, que envolveu prioritariamente hospitais e centros públicos de tratamento e pesquisa desde o início da pandemia.

Iseli Reis reforça a necessidade de se olhar a área da saúde para além do coronavírus: *“Acho que temos que pensar estrategicamente não só na pandemia, mas **principalmente no pós-pandemia**, não dá para pensar no problema só quando ele chegar. Na saúde, 40% de todas as cirurgias ficaram retidas, no pós-pandemia teremos muitas pessoas com urgências de cirurgias, pessoas com doenças crônicas que não se trataram e, portanto, chegarão em fase crítica nos hospitais. Qual o plano para prevenir, para auxiliar? Num cenário futuro em que a saúde pública não terá recursos (tudo foi gasto na pandemia...) vai haver uma nova onda de crise na saúde sem o vírus”*.

Na avaliação de Fábio Deboni, faz-se necessário avançar em frentes mais estruturantes, como no advocacy pró-fortalecimento do SUS, e **assumir a agenda de saúde dentre os eixos temáticos do investimento social privado**, ouvindo especialistas sobre o SUS, entendendo como apoiar nos gaps e onde faz mais sentido o ISP apoiar, entre outros pontos nevrálgicos.

# 5

**Mesmo sendo difícil prever que a pandemia duraria tanto, precisamos investir em uma comunicação mais clara (5), tendo como resultado direto maior transparência (6) das iniciativas e, conseqüentemente, confiabilidade e engajamento para além do pontual.**

e

# 6

A análise das iniciativas contra a Covid-19 um ano e meio depois nos mostra que ainda falta transparência ou ao menos maior clareza na comunicação e apresentação dos resultados: em muitos casos sequer conseguimos saber, a partir dos dados públicos, se a ação ainda estava ativa ou se havia sido encerrada, bem como o total de arrecadações e/ou os públicos atendidos.

Há casos em que as campanhas de arrecadação, por exemplo, aparentemente ainda estão abertas para receber doações, mas a última doação foi feita há 6 meses, 1 ano, ou simplesmente foram apenas 2 ou 3 doadores. **O que aconteceu com os recursos nesses casos?** Eles foram entregues às organizações? Voltaram para quem doou? Ou estão em um “limbo”? A partir dos dados públicos, não sabemos dizer.

Existem também iniciativas tanto de empresas como do governo em que a única informação que encontramos foi a notícia de lançamento da ação, muitas vezes com valores vultosos, porém não encontramos novas atualizações sobre se todo o recurso foi de fato distribuído e para quem.

Algumas iniciativas, por outro lado, tornam-se **referência** na divulgação clara e precisa dos resultados alcançados. Um exemplo é a já mencionada ação [Mães da Favela](#), da Central Única das Favelas (CUFA). O site traz os dados de 2020 e 2021, separadamente, com total mobilizado, total de cestas básicas físicas e digitais distribuídas, total de famílias atendidas, toneladas de alimentos distribuídos, entre outras informações. Outra iniciativa é a [Mobiliza Campinas](#), da FEAC, que também apresenta os totais arrecadados em cada ano, total e perfil das famílias atendidas, planilha de doações por região da cidade e relatório de atividades de 2020. Outro destaque positivo é o [Rio contra o corona](#), da União Rio, que também traz os dados separados por ano, com total mobilizado, comunidades atendidas, toneladas de alimentos distribuídas, além de fotos e outras informações.

# 7

## O próximo passo é fazer das reflexões aprendizados e ações concretas.

Para isso, ressalta Fábio Deboni, ainda é fundamental **debruchar sobre os dados gerados durante a pandemia** (Monitor de doações etc.) para identificar cenários, aprendizados, padrões, para além dos grandes números/grandes doadores. Uma recomendação nesse sentido é a série [Estudos Emergência Covid](#), sequência de cinco publicações coordenadas pelo GIFE e concebidas para fomentar pesquisas, análises avaliativas e reflexões sobre as ações da filantropia, do investimento social privado e da sociedade civil em face à pandemia no Brasil, amparando o balanço de resultados e a extração de lições aprendidas nesse contexto de emergência a partir da atuação do setor.

Infelizmente, o comportamento de muitos hoje, com todas as flexibilizações e aumento do trânsito e da circulação de pessoas, pode dar a entender que o pior já passou. Porém, mesmo com o avanço da vacinação, **a situação ainda está longe de estar sob controle**, seja na área de saúde, seja na área econômica e social. A mobilização e o engajamento do investimento social privado, dos governos e da sociedade como um todo precisa continuar.

Como vimos, a pandemia trouxe uma mobilização conjunta sem precedentes, que precisa seguir, de forma mais estruturada, colaborativa e com visão de médio-longo prazo, sem deixar de lado as ações emergenciais necessárias. Esperamos com este breve relatório gerar inteligência para o campo e contribuir para que possamos, cada vez mais, criar ações de impacto social em conjunto, que tenham uma **visão sistêmica**, ainda que emergenciais, e consequentemente que amplifiquemos os resultados desejados, com maior efetividade aos esforços empreendidos.

### Expediente

**Pesquisa e redação:** Vanessa Prata e Andressa Ferrarini

**Edição:** Cássio Aوقي

**Design e diagramação:** Ana Vasconcelos | Eco Editorial

Este relatório foi produzido pela ponteAponTE

(contato@ponteaponte.com.br) entre agosto e setembro/2021.

**ponte | ponte**